

Emilio Castelar

I

O sol das Hespanhas incende no espirito dos seus poetas a ardente inspiração oriental, sem lh'o adormecer na languidez lasciva e indolente, que é uma das feições caracteristicas da poesia do Oriente. A uma imaginação fogosa ligam elles o mais férvido enthusiasmo. A chamma que os abraza é bastante para lhes inflammar o sangue, mas não consegue embrandecer-lhes os musculos, afrouxar-lhes os nervos, agorentar-lhes o vigor. A sua inspiração póde ser voluptuosa, morbida nunca. Os seus labios, abrazados pela sêde de ignotas sensualidades, não murmuram frouxamente o hymno do prazer, soltam gritos de leôa namorada. Os dedos correm-lhes febris pelas cordas da lyra, não esmorecem em requebrados harpejos. A Hespanha não é a terra dos sultões, é a patria de D. Juan. Não se recosta em coxins assyrios, como o sultão de Carrer, arroja-se ás aventuras para conquistar os sorrisos de uma Dulcinea del Toboso, muitas vezes imaginária, como o D. Quixote, de Cervantes. Tudo consegue dos hespanhoes quem lhes despertar a phantasia, como dos francezes quem lhes captivar o espirito, como dos inglezes quem lhes demonstrar a utilidade prática de um plano, como dos allemães quem lh'o provar logicamente. Abram a um hespanhol as portas doiradas do mundo dos devaneios, mostrem-lhes na téla purpurea do horisonte as scenas maravilhosas de um poema ou de uma lenda, e os hespanhoes entrarão com enthusiasmo n'essa região phantasiosa. Acenem-lhes com a visão deslumbrante do Eldorado, e eil-os ahi vão rasgando florestas densissimas, sulcando rios caudalosos, galgando cordilheiras cujo cume topeta com os ceos, dissipando hordas innumeras de selvagens, soffrendo fomes, frios, calmas, sêdes, miserias, sem desanimarem, sem perderem uma só parcella do ardor que os abrazava no começo da expedição. Enlevem-n'os com os esplendores do culto, com as maravilhas da religião, com os extases do mysticismo, e tudo supportam: inquisição, despotismo ferrenho, decadencia, para não desampararem o altar, que é para elles a porta d'esse empyreo cuja visão radiante lhes povôa a phantasia.

Os grandes poetas, os grandes escriptores que, por serem a mais sublime expressão do espirito nacional, exercem completa influencia nos seus compatriotas, possuem todos a eloquencia ardente do enthusiasmo; a dedicação exclusiva a uma causa, a uma theoria, a um sentimento; a férvida aspiração para um ideal que varía, segundo os seculos e as condições do espirito humano, mas em que elles sempre se absorvem com um ardor, com um exaggero, com uma tenacidade de que não ha talvez exemplo na historia litteraria dos outros paizes. O sol que lhes illumina o firmamento, que lhes doira os horisontes, que lhes escandece a imaginação, attrahe-os irresistivelmente. A phrase scintilla-lhes inundada de esplendores, chammeja abrazada pelos raios do astro, cada vez mais proximo, a que toda essa poesia aspira, e o poeta, o orador, o escriptor, não pára, não desfallece, não trepida perante os deslumbramentos d'essa vertigem de enthusiasmo. Vôa, vôa, sóbe, ascende com os olhos sempre fitos no seu ideal, que o illumina, soltando gritos de jubilo, saciando-se com o espectaculo d'essas torrentes de luz, mergulhando-se n'ellas, até que a morte venha quebrar as cordas da lyra, apagar com o vento frio das azas negras esse delirio de fulgor, acalmar com a mão gélida essa febre de lyrismo.

Quando a humanidade se delicia com a exaltação do mysticismo, a Hespanha mostra ao mundo estupefacto Santa Theresa de Jesus; quando a triplice mão de ferro da dynastia de Austria, do jesuitismo e da inquisição, esmaga todas as aspirações do espirito humano, prende-o n'um circulo acanhado, encerra-o na gaiola do madrigal, debate-se furiosa dentro das grades a imaginação ardentissima de D. Luiz de Gongora;

quando no ceo, d'onde o vendaval revolucionario afugentou as nuvens do despotismo, brilham com fulgor purissimo os dois astros gemeos da liberdade politica e da sciencia historica, desprende o vôo das terras hespanholas, e libra-se nas azas possantes o espirito de fogo d'esse poeta da tribuna, d'esse poeta do jornalismo, d'esse poeta da cathedra, que se chama Emilio Castelar.

Não intento (note-se bem) fazer um parallelo entre tres genios tão profundamente diversos; intento unicamente provar que cada um d'esses tres escriptores é a expressão mais viva e mais ardente do espirito hespanhol em differentes phases da sua existencia litteraria e politica.

Quando as discussões escholasticas sobre o amor divino e a graça divina occupavam gravemente o espirito dos grandes pensadores catholicos, quando os requebros e os extases de um sensualismo devoto enlevavam as almas poeticas e religiosas, appareceu Santa Theresa de Jesus. O seu genio fogoso absorveu-se todo na contemplação d'esse ideal, as torrentes da sua immensa poesia despenharam-se por esse leito. A sua imaginação embebeu-se completamente no que seria para outros ou subtileza altamente propria para com ella afiarem as armas da dialectica, ou véo semidiaphano com que envolviam as paixões humanas para poderem entrar no recinto sagrado do templo. Theresa de Jesus, pelo contrario, eleva a subtileza á altura de um ideal, e vôa para elle com o ardor duplamente impetuoso da sua fervente organisação de poeta e de hespanhola. As argucias da escholastica desmáiam perante esta subita irrupção de lyrismo apaixonado e energico. A eloquencia abrazadora da santa freira reveste de um corpo tangivel a visão alva e etherea que ella evocára com transporte nas suas noites de delirante enthusiasmo, de asceticas vigilias. E por tal fórma se consubstanciava com essa creação da sua phantasia, aproximava tanto de si a imagem divina, enlaçava-se de modo com ella, que nós, homens d'esta geração sceptica que procura o seu ideal n'outro ponto do firmamento, mal podêmos ver n'essas inebriantes e voluptuosas paginas outra coisa que não sejam os delirios e os fervores de um amor carnal. Mas não é assim; essas roupagens sensuaes escondem um pensamento casto; porém Theresa de Jesus é hespanhola, e a sua phantasia não sabe, não póde conter as torrentes de eloquencia que lhe descem da mente aos labios, e que vaporam depois ardentes effluvios que vão cingir de uma nuvem de amor o Esposo Divino, que é o pensamento constante das suas noites de castissimo delirio.

D. Luiz de Gongora apparece n'um tempo em que o silencio é imposto pela disciplina ecclesiastica e temporal a todos os arrojos do espirito humano. O lyrismo é decotado pelos jesuitas onde quer que o encontrem, e o lyrismo religioso, desde o momento que revela espontaneidade creadora de uma intelligencia, não acha misericordia perante os sombrios Filippes e a sua côrte aborrecida, e os seus impassiveis capellães. Pouco depois, em França, Fénelon soffrerá uma perseguição temivel porque o seu meigo coração de poeta se deixou prender nos suaves encantos da eloquencia mystica de uma mad. Guyon, discipula apaixonada d'essa eschola a que Theresa de Jesus dera origem. Gongora tinha uma d'essas imaginações volcanicas que tão facilmente brotam no solo das Hespanhas. Appareça uma idéa por que se apaixone, e aquelle estilo desoccupado, que procura um emprego, desatar-se-ha em torrentes de eloquencia. Mas as idéas são com todo o cuidado extirpadas pelos cultivadores officiaes do espirito nacional. Como uma arvore em cujo seio regorgita a seiva, e que só espera que a deixem ter o seu desenvolvimento natural para arrojar aos ares o tronco esbelto, para bracejar os seus airosos ramos, para os vestir de folhagem verde e lustrosa, para espraiar a copa, para acolher os ninhos, para preparar estrado aos musicos da espessura, mas que, decotado, aparado, torcido pelas mãos de um jardineiro, fica sendo uma pequenina monstruosidade, e formando um grotesco ornamento de uma alameda chata e anã, assim o talento de Gongora, privado de ar e de luz, irrompeu pelo deploravel desafogo das ninharias luzidias, das metaphoras tumidas, dos requebros affectados que formaram o peculio litterario de uma eschola que tem imitadores em Portugal n'uma epocha em que o espirito humano, livre de todas as peias, não tem a desculpa que não podêmos deixar de dar ás aberrações d'esse grande poeta, que nasceu, para sua desgraça, cem annos mais tarde, ou duzentos mais cedo do que deveria ter nascido.

Emilio Castelar entrou na scena litteraria n'uma epocha em que o despotismo debalde tenta oppor os seus frageis diques á torrente das idéas. A sua phantasia ardentissima encontrava uma virgem formosa e candida a cujos pés podia queimar o inebriante incenso que arde nas cassoletas de oiro do seu magico estilo: essa virgem era a liberdade. A sua eloquencia férvida de tribuno não se via obrigada a consumir-se em estereis fogos de artificio; podia usar da magnetica influencia que Deus lhe concedeu sobre todos os espiritos — d'ahi o orador e o jornalista. Não eram já subtis disputas de uma subtil escholastica as que occupavam as attenções do mundo pensador; eram sobre tudo as graves investigações, as sérias meditações da philosophia e da historia; foi este o idolo que Emilio Castelar cercou com o véo maravilhoso da sua eloquencia, e tão maravilhoso, que os espiritos habituados á seccura insolente dos Niebuhrs mal suspeitam que não seja o vulto frivolo do romance esse que o véo esconde. Pois não é; é a historia philosophica na sua mais elevada manifestação, é a verdade procurada na meditação e no estudo. Mas a verdade tinha por interprete, ou antes por amante, um homem dotado de uma das mais esplendidas phantasias que o sol das Hespanhas formou n'um cerebro humano. D'ahi resultou o professor cuja palavra eloquente captiva a attenção da sociedade mais escolhida de Madrid.

Emilio Castelar, cujo retrato apresentâmos aos leitores do *Archivo*, é, repetimol-o, a expressão mais vehemente n'este seculo do espirito hespanhol, tal como o tentâmos fazer comprehender. A sua eloquencia não convence como a de Mirabeau, não persuade como a de Lamartine, arrasta. Cada um dos seus artigos, cada um dos seus discursos é um verdadeiro delirio de enthusiasmo. A harmonia do periodo, o colorido opulentissimo da phrase, tudo n'elle é espontaneo. Sente-se que não é um pintor que está dispondo as tintas, um musico que está afinando a lyra; é uma lyra elle mesmo, suspensa da ramaria, e esperando que lhe beije as cordas a brisa da inspiração; é um d'esses magnificos passaros da America, de plumagem esplendida, que abre as azas e ascende para o sol que o enleva, e vemol-o subir rapido, rapido, na atmosphera transparente; inunda-o o esplendor do sol, e o vario matiz das pennas scintilla mostrando diversos cambiantes, á medida que o sol põe em relêvo ou a purpura da gargantilha, ou a azulada tunica d'estas plumas, ou o oiro vivissimo d'aquellas, e sobe, sobe sempre, soltando gritos de enthusiasmo, e deixando nos ares como que um rasto de esplendor, e nós não nos fatigâmos de o contemplar, como elle se não fatiga de ascender, porque essa plumagem que nos deslumbra é a phantasia, e o sol que a doira é o sol das grandes idéas.

II

Debalde se tentou obter alguns apontamentos para a biographia do sr. D. Emilio Castelar, um dos vultos

mais notaveis da litteratura e do jornalismo da Hespanha. Se alguma vez isso se conseguir, não deixará este jornal de prestar homenagem mais completa ao notavel publicista da nação visinha. Agora tratava-se apenas de acompanhar com algumas linhas, que esboçassem rapidamente a sua physionomia litteraria, o retrato do grande escriptor.

No que fica dito apenas tentâmos pôr em relêvo a feição principal do seu talento, estilo immensamente phantasioso, eloquencia de enthusiasmo. A isto junta uma vasta erudição e uma notavel clareza no modo de expor as suas doutrinas politicas ou historicas. Redactor principal do jornal progressista *La Democracia*, nas paginas d'aquelle jornal tem escripto ao correr da penna artigos em que o mais espontaneo e mais ardente lyrismo se casa admiravelmente com a elevação das idéas, a correcção da phrase e a vehemencia da argumentação. O seu conhecido amor á causa da liberdade, de que é um dos mais estrenuos defensores, tornou-o alvo das perseguições do governo, que chegou a suspendel-o das suas funcções de lente de historia, demissão que foi origem de varias manifestações liberaes, e da repressão sanguinolenta que o governo hespanhol empregou na capital.

Ainda ha pouco, quando sua magestade el-rei de Portugal esteve em Madrid, e foi victoriado enthusiasticamente por muitos liberaes que desejavam prestar homenagem a um rei verdadeira e sinceramente constitucional, tendo essa manifestação ferido a susceptibilidade do ministerio de D. Isabel II, e sendo indigitado Emilio Castelar como um dos promotores dos applausos, teve elle de soffrer nova perseguição, menos franca, mas não menos vexatoria do que a primeira. A sympathia que o seu talento já nos inspirava augmentou com esta circunstancia, em que, justa ou injustamente, o sr. D. Emilio Castelar foi perseguido por ter mostrado adhesão ás nossas instituições, e veneração ao homem que está á testa dos nossos destinos.

Não considerem, pois, os leitores este rapido artigo senão como uma modesta homenagem que presto ao sympathico talento, ao genio ardente do homem que, pythonisa da liberdade, sente acudir-lhe aos labios, em torrentes de eloquencia, a férvida inspiração em que o abraza a formosa virgem de que fez o seu ideal; do homem que, apostolo da sciencia historica, prega as suas doutrinas como prégaram as de Christo aquelles que haviam sentido poisarem-lhes na fronte as linguas de chamma do sagrado espirito; do homem, em fim, que, erguido no Sinai das novas eras, faz resoar entre os relampagos do seu phantasioso estilo o verbo grandioso do progresso, e aponta aos hespanhoes, cuja imaginação fascina, o novo e mais bello ideal que reluz no horisonte, a estrella da civilisação, o sol da liberdade.

M. Pinheiro Chagas.

DA PATRIA AO CEO

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

(Vid. pag. 347)

IV

Era em certa manhã de outono.

Pedro lia na bibliotheca que fôra confiada ao seu cuidado. O sol inundava completamente o horisonte, e, todavia, a mesa de Pedro ainda era allumiada por um candieiro.

Não notára o mancebo que o dia avançava. De tal modo o enlevava a leitura!

Passou a noite lendo. Plutarco e Homero arrastavam-lhe a alma á Grecia; o ignorado auctor das *Mil e uma Noites* levava-lh'a pelas regiões asiaticas, de delirio em delirio e de assombro em assombro; Chateaubriand passeava-a pelas florestas virgens e despovoadas da America; Cook fizera-lhe dar a volta do mundo, submersa no sublime horror das trevas e dos gelos polares; e Schiller, Gœthe, Hoffman e Shakespeare tinham feito comparecer ante ella todos os phantasmas, ora risonhos, ora terriveis e ameaçadores, dos paizes teutonicos e britannicos.

Figura-te como estaria a alma de Pedro levada de commoção em commoção por tão longinquas e diversas regiões! Figura-te quão differente seria então do que fôra quatro annos antes!

Pedro, outr'ora tão contente com viver e morrer no valle nativo, como todos os habitantes d'aquelle valle, só tinha agora um desejo, mas desejo supremo, ardente e inextinguivel; desejo sem cuja satisfação a vida lhe parecia um fardo insupportavel: o de pisar com os proprios pés, e contemplar com a propria vista, o theatro das scenas reaes ou ficticias, que os livros tinham exposto á sua admiração, scenas que na mente se elevavam sob fórmas phantasticas e poeticas, tirando-lhes a parte prosaica, que tem ainda a coisa mais poetica d'este mundo. Dissera-se-lhe, por exemplo, que Viriato era um rustico pastor lusitano quando se revoltou contra a tyrannia romana; e dissera-se-lhe que Laura, a amante semi-divina de Petrarca, bebia e comia como Rosa, sua noiva, e não o acreditava.

A casa de Rosa estava junto da de Theresa. Esta, que já tratava a joven com a confiança de mãe, pedíra-lhe que chegasse ao palacio do americano e dissesse a Pedro que viesse almoçar.

Não se fez rogar a enamorada menina. Quando entrou na bibliotheca, onde estava Pedro, este parecia enlouquecer com a descripção de um harem. Aquelle volcão de amor e ciumes que ardia perpetuamente no coração e nos olhos das odaliscas, figurava-se-lhe mil vezes preferivel a todo o amor que póde encerrar o coração das mulheres do occidente.

— Pedro, disse Rosa entrando na bibliotheca, ligeira como mariposa, rosada como as cerejas ao amadurecer, e risonha como o alvorecer do estio; Pedro, tua mãe espera-te para almoçar.

Pedro bateu com o pé no solo e olhou para a joven com indignação e desprezo taes, que Rosa retrocedeu dois passos tomada de terror.

— Perdôa-me, Pedro! — murmurou Rosa carinhosamente. Estavas distrahido e tiveste susto, não é verdade? Olha, foi sem querer... Não tornarei a assustar-te; asseguro-t'o. Anda, vem commigo, porque tua mãe está esperando por ti para almoçar.

— Não careço de companhia, e da tua muito menos, respondeu Pedro com tom desdenhoso e ameaçador.

A rapariga fez-se pallida como a açucena, e baixou a cabeça com os olhos arrazados em lagrimas.

A desprezadora expressão que dominava no rosto e no olhar de Pedro dulcificou-se um pouco.

— Que tens, e por que choras, Rosa? — perguntou o mancebo, mostrando-se commovido.

— Porque já não me queres! — respondeu a joven, cuja purissima voz estava afogada pelos soluços.

— Amo-te, sim, Rosa; mas tu tens a culpa d'estes desabafos do meu aborrecimento.

— Dize-me, pois, que hei de fazer para que estejas sempre satisfeito.

— O que has de fazer? é comprehender a minha alma.

— E quer dizer isso? — perguntou Rosa com adoravel ingenuidade. Comprehender a tua alma é querer-te muito?

— Não basta, respondeu Pedro, cuja fronte se anuviára outra vez; comprehender a minha alma é, em primeiro logar, adivinhar os meus desejos...

— Julguei que desejavas já almoçar...

Pedro bateu novamente com o pé no chão, exclamando:

— Rosa! vejo que a tua alma nunca poderá comprehender a minha; porque fallar-te d'esse amor delicado, grande, ideal, sublime, que se alimenta entre o ceo e a terra, é arremessar pedras ao mar... Bem se conhece que nunca abriste um livro.

— Eu, porém, julgava que não eram precisos livros para saber amar-te... estar sempre pensando em ti; não julgar-me satisfeita senão ao teu lado; pedir a Deus que te dê saude e felicidade; desejar que me queiras como eu te amo; entristecer e chorar quando julgo que amas outra mulher; aprender tudo o que fazem minha mãe e a tua para fazer o que ellas fazem; governar bem e economicamente a casa quando nos casarmos; estimar, tratar com affecto e educar os filhos quando Deus nol-os der; trabalhar ao teu lado para que o trabalho te sobrecarregue menos; alegrar-me quando te veja alegre; entristecer quando estejas triste; e morrer de pena quando morras... Isto é o que entendo por amor. Se é outra coisa, por que não m'o dizes? Verás como te obedecerei no que mandares. Acaso não sou docil? Quando eu era pequena estava sempre minha mãe a dizer-me: «A minha filha vem a ser uma rapariga de bem, porque melhor mandada não se encontra na aldeia.» Dize-me, Pedro, não é o amor que assim falla?

— Não duvido, Rosa; mas é o amor vulgar. O que o meu amor procura é o amor na essencia, mas não na fórma; em primeiro logar, exclue qualquer expressão a que falte nobreza, tal como a que usaste ao chegar aqui...

— É porventura mau dizer-te que venhas almoçar, quando oiço bater o meio dia e ainda estás em jejum?

— É, sim! — respondeu Pedro tornando a sentir-se dominado pelo enojo que tanto commovêra a innocente rapariga.

— Pois olha, tornou Rosa, o sr. prior e o mestre, que sabem tanto, assim dizem as coisas...

— O que mais sabe aqui é um grande selvagem. Aborreço por isso o miseravel valle...

— Miseravel valle! Haverá muitos onde se colha tamanha quantidade de grão e fructa como n'elle?

— Grão... fruta... murmurou Pedro com o maior desprezo.

— Pois tambem isso é mau? Pedro, esta manhã estive fallando com tua mãe a respeito do que se deve fazer da herdade logo que eu e tu nos casarmos. Disse tua mãe que não nos faltará de comer, porque havemos colher grão para o anno, como em vida de teu pae...

— Não serei eu quem cultive o que meu pae cultivou.

— Que dizes?

— Que não me enterrarão n'este valle.

— Jesus! — exclamou Rosa, como assombrada. Para onde vaes, pois?

— Para onde me impelle a alma.

— Mas para onde é?

— Para que hei dizer-t'o, se não me comprehenderás? Deixa-me, Rosa. Não formou Deus a tua alma para comprehender a minha.

— Amo-te muito, Pedro! amo-te muito! — exclamou Rosa com infinda ternura, procurando nos olhos de Pedro o olhar que correspondesse áquella singela expressão de affecto.

— Deixa-me em paz! — respondeu Pedro com a maior indifferença, e voltou-lhe as costas.

A innocente menina desatou em copioso choro, e desceu a escada murmurando:

— Meu Deus! meu Deus!... Não me estima já! Namora outra, sem dúvida!

V

Era já bem entrada a primavera.

Havia á porta da casa de Theresa formosa parreira coberta de folhas, por entre as quaes appareciam os primeiros racimos.

Theresa, Rosa e outras visinhas cosiam debaixo d'aquella parreira pelo cair da tarde de um sabbado. Conversavam todas como palradoras, excepto Rosa, que não despegava os labios nem levantava a cabeça inclinada sobre o lavor; e Theresa, que só entrava na conversação de vez em quando, fitava com frequencia Rosa, e exclamava com um profundo suspiro, como se quizesse dizer: «A tua enfermidade parece-se muito com a que eu padeço!»

A conversação tinha por objecto enumerar as maravilhas que a primavera ia trazendo ao valle. Martha contava que as cerejeiras do seu quintal vergariam com o peso do fructo, segundo a florescencia que apresentavam; Domingas referia que o milho das suas geiras começava a mostrar os filamentos; Luiza dizia que o anno seria muito abundante de tudo, pois o cuco viera por onde vem o sol; e Jacintha affirmava que se Bilbáo chegasse a levantar-se um poucochinho para assomar a cabeça por cima dos montes que rodeiam S..., morreria de inveja, apesar dos seus jardins e dos seus thesoiros.

Theresa e Rosa tambem diziam alguma coisa, porém murmuravam-n'o apenas ao coração: — que Pedro não as estimava já!

Uma das visinhas observou o silencio de Rosa e Theresa.

— Não sabem a grande novidade que ha esta primavera em S...?

— Que novidade é? — apressaram-se em perguntar todas.

— Que as aves se tornaram mudas, e as rosas se transformaram em açucenas, respondeu a visinha dirigindo a vista para Rosa com significativo sorriso.

— É verdade! É não tinhamos reparado n'isso, exclamaram as aldeãs.

Rosa e Theresa, ouvindo isto, desataram a chorar. As visinhas, observando-o, deixaram o tom ironico e malicioso, dominadas pela compaixão.

— Valha-me Deus! — disse uma d'ellas dirigindo-se a Rosa; como estás mudada, minha filha! Por que não cantas já como as aves, e causas inveja ás rosas de Alexandria?

— Porque para ella, como para mim, respondeu Theresa, ainda não chegou a primavera.

— É porque são umas louquinhas. Pedro está sempre fechado com os livros? Vive com Deus e aprenderá mais que o sabio Salomão. Se os livros que lê fossem maus, era justo que se affligissem; porém não é crivel que o americano, um senhor como não houve outro na aldeia, gastasse o dinheiro em livros maus...

— Não podem ser bons, porque fizeram com que o meu filho aborrecesse a aldeia onde nasceu.

— E por que não se aborreceu d'ella o americano?

— Talvez não sejam maus os livros. A ruindade póde estar em meu filho!

É impossivel descrever a dor com que Theresa proferiu as ultimas palavras e a dolorosa impressão que fizeram em Rosa.

— Ouvi do sr. prior, replicou a visinha, que os livros são como as espingardas, que, embora sejam uteis para muitos, são perigosas para alguns.

— Não, não... meu filho não póde ser mau, exclamou Theresa desfeita em lagrimas. Esta manhã viu-me chorar, e, lançando-se-me ao collo, disse-me, saltando-lhe as lagrimas das faces: «Minha mãe! perdôe-me os desgostos que lhe causo e á pobre Rosa. Estimo-as muito, e procurarei a todo o custo dar-lhes felicidade; mas não posso evitar a tristeza que me

consome, a inquietação contínua que me mata, e a aversão que me causa a aldeia!»

— Filha, disse uma das visinhas, gosto de fallar com franqueza; faço cruzes ao que tem aversão á aldeia em que nasceu, e faço-lh'as, embora seja santo. Tudo isso que teu filho diz, de que nem todos tem a alma temperada do mesmo modo; de que quem sonha com o outro mundo não se póde conformar com este; de que umas plantas seccam onde florecem outras; tudo isso que diz Pedro será lindo, mas eu tenho-o por bagatellas. A verdade é, que cada qual deve contentar-se com o que tem; que Deus manda que façamos chorar de alegria e não de tristeza os que nos estimam; que a terra em que nascemos é segunda mãe, e devemos prezal-a como a primeira; e que o talento e a sabedoria que não se empregam antes de tudo em fazer o que Deus manda, não são sabedoria nem talento. Isto é o que o sr. prior dizia ha dias a teu filho, e isto é o que se me afigura mais conforme com o evangelho.

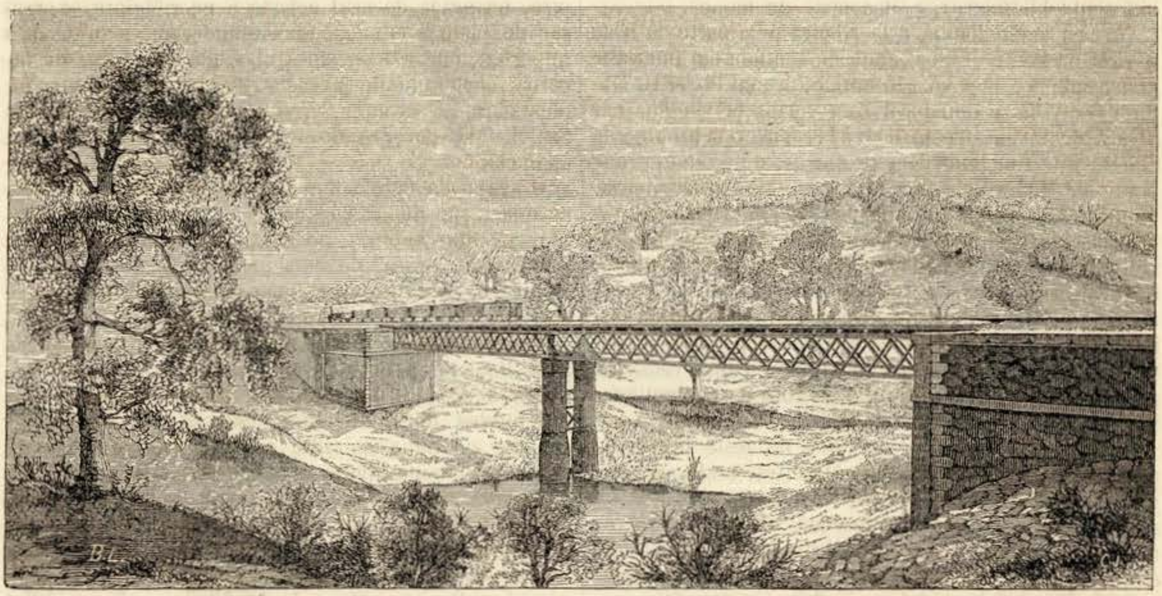
— É verdade! é verdade! — murmuraram ao mesmo tempo Theresa e Rosa, continuando a chorar.

— Mas d'isto não infiram, continuou a visinha, que não me parece grande tonteria affligirem-se d'esse modo. Deixem que regresse o americano, e verão como desapparecem as ninharias da cabeça de Pedro, logo que elle não possa ler livros differentes dos que lia seu pae. E já que fallámos do americano: não tornaram a ter carta d'elle?

— Não, respondeu Theresa. Desde que nos escreveu de Veracruz, haverá uns mezes, dizendo que no fim de quatro annos de difficuldades conseguira regular os seus negocios e se dispunha a regressar, não tivemos carta d'elle; e isso nos dá cuidado, pois talvez lhe succedesse alguma desgraça no mar.

— A proposito de cartas, disse uma das visinhas, alli vem Ignacio com a mala do correio.

Vinha, com effeito, um mancebo pela estrada de Valmaseda, montado em muar, e trazendo a mala presa ao albardão.



Ponte sobre a ribeira de Sor

— Theresa, disse Ignacio passando-lhe pela frente da casa, levo aqui uma carta para vossemecê, segundo me disse o administrador de Valmaseda. Vou levar a mala ao sr. alcaide, para que a abra, e em seguida lhe trarei a carta.

O mancebo continuou o caminho, e Theresa e Rosa ficaram esperando com impaciencia.

— A carta é da America, segundo vejo no sobrescripto, disse Ignacio voltando poucos momentos depois com a carta na mão.

— Abre-a, e faze-nos o favor de a ler, disse Theresa com alegria, porque não quero esperar que venha Pedro. Pobre senhor! Como estará? Deus lhe dê muita saude...

Ignacio começou a ler a carta, que era datada em Veracruz, e dirigida a Theresa:

«Dirigimo-nos a vossemecê, dizia, para cumprirmos um dever ao mesmo tempo triste e satisfactorio. O sr. Fulano, natural d'esse concelho, e dono das propriedades que ha quatro annos estão confiadas ao cuidado de vossemecê, falleceu n'esta cidade.»

Ignacio não pôde continuar a leitura ao chegar a este ponto, porque Theresa e Rosa, e tambem as visinhas e o proprio Ignacio, proromperam em chôro.

Durante um quarto de hora ouviram-se apenas soluços e exclamações como estas:

— Pobre senhor!

— Que pae tão bom perderam os pobres!

— Que homem tão cuidadoso na sua casa!

— A terra lhe seja leve!

— Deus o tenha em santa gloria!

Por fim, Ignacio pôde continuar a leitura da carta.

«Morreu tranquillamente e sorrindo como os justos, como os verdadeiramente sabios, e como devia esperar-se da sua vida consagrada ao trabalho e á beneficencia. No derradeiro instante lembrou-se da terra da sua naturalidade e de vossemecê. Nós, seus testamenteiros, dirigimo-nos a vossemecê em cumprimento do nosso dever, para lhe declarar-mos que o finado lhe deixa em herança o palacio que possuia n'esse concelho, e oito contos de réis em metal.»

Tal era a parte substancial da carta.

— Parabens! sejam muito felizes, Theresa! — exclamaram as visinhas chorando de alegria.

— Abençoado seja, exclamou Theresa, quem taes riquezas nos deixa; abençoal-o-hei sempre, é verdade, mas antes o desejára vivo que morto!

(Continua)

CAMINHO DE FERRO DE LÉSTE

PONTE DE SOR

Os cento e seis kilometros da via ferrea de Lisboa ao Entroncamento são communs aos dois caminhos de ferro do norte e de léste. Seguindo por este ultimo, encontram-se em territorio portuguez as seguintes es-

tações: Barquinha, Praia, Tramagal, Abrantes, Bemposta, Ponte de Sor, Chança, Crato, Portalegre, Assumar, Santa Eulalia, e Elvas. Proximo da estação de Ponte de Sor passa a via ferrea sobre a bella ponte que faz o assumpto da nossa gravura.

Depois da grande ponte do Tejo [1], é uma das mais importantes obras de arte do caminho de ferro de léste. Está lançada sobre a ribeira de Sor, e é construida de ferro. Tem em cada um dos extremos, assentes sobre as margens, encontros de cantaria, apoiando-se no centro, tão sómente, apesar de ter bastante extensão, sobre dois pilares tubulares de ferro fundido, emparelhados e ligados entre si com linhas de ferro. E todavia, da solidez da sua construcção deu bom testimunho o inverno do anno passado, tão rigoroso em chuvas, que produziram tantas e tão desastrosas cheias.

A ribeira de Sor nasce em uma serra no concelho do Crato; corre junto ás fronteiras do Alemtejo e Estremadura, servindo em alguns pontos de separação ás duas provincias, e vem entrar no Tejo, proximo da villa de Salvaterra de Magos, que dista de Lisboa uns cincoenta kilometros, pouco mais ou menos.

No seu curso banha esta ribeira pela parte de léste a villa da Ponte de Sor, que está sentada em um valle pouco ameno. É povoação antiga, á qual el-rei D. Manuel fez villa e deu foral com varios privilegios por alvará de 29 de agosto de 1514. Tira o seu nome da ribeira que lhe humedece os muros, e de uma grande ponte de pedra que ahi atravessa a mesma ribeira, e que foi obra dos romanos. Dava então passagem á terceira via militar de Lisboa a Merida, a qual se dirigia por Benavente, Ponte de Sor e Alter do Chão. Em varios logares da provincia do Alemtejo encontram-se vestigios d'esta via romana, bem como da que ia por Santarem, Abrantes e Assumar, existindo entre mattos alguns lanços d'ella bem conservados, e até diversas columnas milliarias com as competentes inscripções.

Atravessa o caminho de ferro de léste um lindo paiz desde a Barquinha até Abrantes, onde a paizagem varía o aspecto de espaço a espaço, ora aformoseada pelo Tejo e seus arvoredos, e pelo Zezere, de margens tão pittorescas; ora pelas villas da Barquinha e de Tancos, que se miram no Tejo; de Constancia, tão gentilmente sentada na confluencia dos dois rios, onde está lançada a grande e magnifica ponte do caminho de ferro; e pela villa e praça de Abrantes, que domina extensas campinas da eminencia que está coroando com o seu cinto de baluartes; e em fim, pelo castello de Almourol, rico de tradições historicas, e como que saindo do seio do Tejo sobre alto throno de rochedos musgosos.

Succedem-se, porém, a todas estas galas e esplendores, os matagaes de charnecas que o viajante julga intermінaveis. Depois apparecem alguns quadros mais apreciaveis, que são como os precursores das bellezas campestres que se desfructam nos ultimos quarenta kilometros da linha.

Um d'aquelles quadros é a paizagem animada pela ribeira de Sor, com a sua ponte de ferro, que se vê representada em a nossa gravura, copiada de uma photographia.

I. DE VILHENA BARBOSA

MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

(Vid. pag. 297)

V

INTERIOR DO TEMPLO

Quem entra na egreja pela primeira vez, depois de ter observado a gothica frontaria, sente cair-lhe aos pés a illusão em que se enlevava; pois não encontra na architectura do interior do templo o que o seu rico portal lhe promettêra. As reconstrucções feitas pelos conegos no seculo XVII e XVIII deram-lhe nova physionomia, amodernando-lhe as feições.

É de uma só nave, contando de comprimento 33^{m},32, de largura 10^{m},66, e de altura 22,^{m}23. Tem a abobada de pedra artezoada, vendo-se nos florões esculpido o escudo de armas de D. Pedro Gavião, bispo da Guarda, capellão-mór del-rei D. Manuel, e que era dom prior geral dos conegos regrantes ao tempo da reconstrucção da egreja. Este escudo, em que estão representados cinco gaviões em aspa, figura tambem no remate do arco da capella-mór, nos dois torreões da fachada, e em outros logares do mosteiro, como ao diante veremos. É isto prova, sem dúvida, de que a ordem concorreu com grossas quantias para as obras da reedificação no seculo XVI.

Toda a abobada, infelizmente, foi pintada por occasião das obras feitas no templo no seculo XVII. Os florões e artezãos foram doirados, e o resto pintado de azul com varios retratos de santos da ordem agostiniana. Os innovadores, embellezados no brilho do oiro, na graça do azul celeste e na religiosa expressão das santas effigies, não attenderam, nem se lhes importou, que a magestosa abobada de pedra, de laçarias curiosamente lavradas, ficasse parecendo simples obra de estuque. Assim tambem cobriram com azulejos as paredes do templo, construidas de boa cantaria.

O corpo da egreja tem tres capellas de cada lado, as quaes são dedicadas, começando da porta do templo, a Santo Antonio, ao Santo Sepulchro, e a Nossa Senhora da Graça, de uma parte, e da outra a Santo André, a Santa Monica, mãe de Santo Agostinho, e ao Santissimo Sacramento.

No cruzeiro ha duas capellas: da invocação de S. João Baptista a do lado da epistola; e de Nossa Senhora a do lado do evangelho. Todas estas capellas são fundas, de architectura moderna, com os altares ornados de talha doirada, mas sem que sobresáiam por merecimento algum artistico na pedra.

Todavia, fóra d'ellas, no corpo da egreja, admiram-se soberbas obras de arte. A mais preciosa e que primeiro attrahe a attenção é o pulpito todo de uma pedra, saindo da parede, junto ao cruzeiro, do lado do evangelho, na altura de 1^{m},56 do pavimento. Foi feito, nos fins do reinado del-rei D. Manuel, pelos esculptores francezes que fizeram o portal da egreja, e dos quaes já fallámos.

É o pulpito todo lavrado em estatuas, medalhas com bustos, figuras de anjos, cherubins, rendas, arabescos, molduragens, as armas e divisas del-rei D. Manuel, e ainda outros lavores, como se vêem nos dois pulpitos á entrada da capella-mór da egreja de Nossa Senhora de Belem, em Lisboa, mas com a differença de que o de Santa Cruz é em tudo muito superior a estes. É muito engenhosa e feliz a invenção: muito correcto e gracioso o desenho das figuras; e de extremada delicadeza e perfeição todas as esculpturas. É uma das mais primorosas obras de arte que ha no paiz. Em esculptura em pedra nenhuma conhecemos n'aquelle genero, que ostente taes dotes artisticos em mais subido grau, que este precioso pulpito.

O conde de Raczynski, no seu muito interessante livro *Les Arts en Portugal*, aprecia esta obra de arte nos seguintes termos.

«*La chaire est un magnifique morceau d'architecture dans le style cinque cento. Elle est parfaitement bien conservée; c'est un vrai bijou que l'on serai tenté d'enchâsser dans un medaillon ou dans une bague.*»

Inteiramente de accordo com o illustre e intelligente amador das bellas artes, quando diz que o pulpito é uma joia que faz vontade, aos que o contemplam, de o metter n'um estojo ou medalha, ou en-

[1] Vid. pag. 345 do vol. V.

gastal-o em um annel, discordâmos da sua opinião ácerca do estilo architectonico. Ainda quando não houvesse nas armas e divisas del-rei D. Manuel a rubrica do seu fundador, bastava comparar este pulpito com todos os trabalhos de ornamentação do templo da Batalha, para facilmente se reconhecer que não é essa obra do seculo XV. E se o compararmos com os dois pulpitos da egreja de Belem, do mesmo modo se vê que não pertence exactamente ao estilo de architectura d'estes. Porém, se for posto em confrontação com o claustro chamado dos Filippes no convento de Thomar, da ordem de Christo, unico exemplar rico e bello da architectura denominada do *renascimento*, que ha no paiz, conhecer-se-ha que se deve classificar como um specimen do ultimo periodo da transição da architectura gothico-florida para a do *renascimento*, que corresponde aos fins do reinado de D. Manuel, operando-se a mudança ou completando-se no reinado seguinte.

Outra obra de arte interessante, mas não de tanto primor como esta de que acabâmos de fallar, é a das cadeiras do côro sobre a porta da egreja. É sustentado este côro por um arco e abobada de pedra, que foi feito por um mestre byscainho, segundo diz D. Francisco de Mendanha, na descripção do mosteiro, já citada em outro logar. Guarnecem o côro setenta e duas cadeiras feitas de madeira mandada vir da Allemanha por el-rei D. Manuel. São todas lavradas de talha relevada, e em grande parte doirada, com muita diversidade de figuras e emblemas, mostrando passagens do velho testamento, com vistas de cidades, castellos, embarcações, etc. A respeito da perfeição de esculptura deixam a desejar alguma coisa, principalmente se se compararem com outros trabalhos do mesmo genero e da mesma epocha que ainda restam no paiz. Todavia, são curiosas e dignas de apreço, que subirá de ponto, se nos lembrarmos das perdas que o nosso paiz tem tido n'este ramo da arte, em que tanto sobresaíam, pela belleza dos desenhos e pelo primor da esculptura, as cadeiras dos coros da egreja de Christo, em Thomar, e da egreja do Carmo, em Lisboa, aquellas queimadas pelos francezes em 1811, e estas destruidas pelo terremoto e incendio do primeiro de novembro de 1755.

O orgão é reputado em Coimbra pelo melhor do reino. Não o temos n'esta conta, pois conhecemos outros que lhe levam vantagem nas vozes, e mais ainda na sumptuosidade da fabrica. Entretanto, póde-se dizer que é dos melhores que ha no paiz. Em um livro que se está imprimindo em Coimbra, ácerca da historia e descripção da mesma cidade, e do qual o seu auctor, o sr. Augusto Mendes Simões de Castro, já conhecido de nossos leitores por artigos seus publicados n'este jornal, teve a bondade de nos communicar algumas folhas, achámos noticia de que este orgão tivera por artifice um insigne mestre hespanhol, chamado D. Manuel Benito Gomes de Herrera, que lhe deu principio em março de 1719, e o concluiu em egual mez do anno de 1724, sendo dom prior geral da ordem e cancellario da universidade o conego D. João de Christo [1].

O orgão antigo tinha sido feito no seculo XVI.

No corpo da egreja ha duas sepulturas de pessoas notaveis. A mais antiga é de D. Fernando Cogominho, senhor de Chaves e alcaide-mór de Coimbra, e de sua mulher, D. Joanna Dias, senhora da villa de Athouguia. Jazeram primeiramente em um tumulo na capella de S. Thiago Maior da egreja velha, fundação de D. Affonso Henriques. Depois, na edificação da egreja nova, mandou el-rei D. Manuel trasladar o sepulchro para o lado direito do templo, proximo da porta, onde se vê mettido na parede em altura de 2^m, pouco mais ou menos, do pavimento. No lado opposto, que é do evangelho, está outro sepulchro mettido na parede.

A outra sepultura é raza, e n'ella jaz D. Miguel da Annunciação, bispo de Coimbra e fundador do seminario da mesma cidade.

A capella-mór, com a sua abobada de pedra artezoada, nada contém, na sua fabrica propriamente dita, que mereça particular menção. O retabulo é um painel não muito antigo, e de algum merecimento, que representa a Europa, a Asia e a America, adorando a cruz de Jesus Christo. Encerra, porém, a capella-mór dois mausoléos que bastam de per si para lhe darem celebridade, tanto pela magnificencia da obra, como pela auctoridade das pessoas que n'elles repoisam. São os mausoléos dos dois primeiros reis de Portugal. O do fundador da monarchia está do lado do evangelho, o de seu filho do lado da epistola.

Os tumulos são singelos. Onde o architecto empenhou todos os esforços da arte foi nos arcos ou porticos que os estão cobrindo. Construidos no mesmo estilo de architectura, e muito parecidos nos traços geraes da planta com o grande portal da egreja de Nossa Senhora de Belem, em Lisboa, estes porticos sobem encostados ás paredes da capella-mór desde o pavimento até á altura de uns 11 metros, com 5 e meio de largura. Os arcos são guarnecidos de muita variedade de lavores e recortes, e aos lados d'elles erguem-se grossos pilares, a modo de gigantes ou botaréos, todos cobertos de variadissimas esculpturas, em que se contam muitas estatuas mettidas em nichos, a que fazem docel elegantes e formosos baldaquinos, todos abertos em delicadas rendas. As estatuas representam os apostolos e outros santos. No meio do arco avulta a imagem de Nossa Senhora da Assumpção, de vulto inteiro, cercada de anjos que a festejam com musicos instrumentos. Sobre o arco vê-se o escudo de armas de Portugal sustentado por dois anjos, e aos lados d'estes as espheras armillares.

São eguaes os dois porticos na fórma, nas proporções e no numero das estatuas; só differem nos desenhos da mais obra de esculptura. Os tumulos estão collocados sobre o pavimento, no vão do portico, o qual resalta tanto da parede do templo que parece uma capella collateral.

São eguaes os dois tumulos no feitio, que é o de uma caixa de pedra, com alguns, não muitos lavores, em volta do epitaphio; tendo deitada sobre a tampa a estatua do respectivo monarcha, com a cabeça descançando em cima de almofadas, e aos pés encostado um leão doirado.

A estatua del-rei D. Affonso Henriques é de tamanho natural, está vestida de armas, tendo as mãos postas, e a cabeça cingida com a coroa real. Aos lados, sobre a tampa, estão o elmo e as manoplas. Como obra de arte tem pouco merecimento.

O epitaphio diz assim: *Alphonso Henrico*, I. *Portugaliæ Regi, regio sanguine, religione et armis clarissimo, qui Imperatore Alphonso Castellæ Rege pro patria, ac viginti potentissimis maurorum Regibus cum maximis copiis, parva manu, sed fide, animoque ingenti, diversis prœliis pro Christiani nominis, augmento justa acie superatis: Olysiponem, Santarenam, Eboram aliaque quatuordecim municissima oppida, et universam ferè Lusitaniam ab infidelium manu recuperans Christi peculio adjecit. Hoc, et Alcobatiæ pluraque alia cenobia, extruxit, ditavitque, nec Regno, solum posterisque insignia Christum, qui ei apparuit cruxifixum, referentia; sed cunctis etiam maximum exemplum reliquit. Cujus virtus suis contenta factis cœtera exequi non patitur. De fide, de patria, de Regno, e suis benemerenti, pientissimi hæ-*

[1] O livro a que nos referimos, a julgar pela parte de que temos conhecimento, é muito noticioso e bem escripto, não se tendo poupado o seu auctor a investigações trabalhosas. Havemos de publicar alguns extratos d'esta obra.

redes, hoc sepulchrum posuere. Obiit anno Domini CIↃCLXXXV *regni sui* LXXIII *et etatis* XCI.VI *die Decembri.*

R. I. P.

Em vulgar, segundo a versão que d'elle fez fr. Antonio Brandão, na *Monarchia Lusitana*, quer dizer: «Ao primeiro rei de Portugal, D. Affonso Henriques, clarissimo pelo sangue real, religião e armas, o qual vencidos em várias batalhas o imperador D. Affonso, rei de Castella, em defensão do seu reino, e vinte reis moiros poderosissimos, acompanhados de grandes exercitos, em augmento da Christandade, e não tendo elle da sua parte mais que poucos soldados, e a pureza da fé e grandeza de animo, de que era dotado, livrou da servidão dos moiros e restituiu á egreja de Christo Lisboa, Santarem, Evora, e outras quatorze povoações fortissimas. Fundou e dotou liberalmente este mosteiro e o de Alcobaça, e outros muitos. Não só deixou ao reino e aos seus descendentes as armas em que se representam as Chagas de Christo o qual lhe appareceu, mas um exemplo maravilhoso. Cuja virtude com suas obras se eguala, e não dá logar a se passar adiante em seus louvores. A este inclito principe, tão benemerito da republica christã, de sua patria, reino e de seus vassallos, mandaram seus piedosos herdeiros levantar este sepulchro. Falleceu no anno do Senhor de 1185, tendo 73 de seu reinado e de edade 91, no sexto dia do mez de dezembro. Descance em paz.»

Acha-se errada n'este epitaphio a conta dos annos de reinado e de vida do monarcha; o que foi devido a ter-se guiado o auctor d'elle pela chronica de D. Affonso Henriques escripta por Duarte Galvão. Deve-se ás investigações do chronista-mór do reino, fr. Antonio Brandão, a rectificação d'aquelle erro, pois que demonstrou que o nosso primeiro rei governou por cincoenta e sete annos, e viveu setenta e tres.

O tumulo del-rei D. Sancho I tem o seguinte epitaphio: *Sancius* I *Lusitaniæ rex* II *difficilimis temporib. regnans, ceu patriæ pater, regum que exemplar egregium. Obiit anno* CIↃCCXI. *etat.* LVII.

Diz em portuguez: D. Sancho I, segundo rei de Portugal, pae da patria e illustre modêlo dos monarchas, havendo reinado em tempos mui difficeis, falleceu no anno de 1211, tendo de edade 57.

Ao mesmo tempo que se reedificava o templo nos principios do seculo XVI, delineava mestre Nicolau, e esculpia juntamente com os seus tres companheiros, João de Ruão, Jaques Loguim e Filippe Uduarte, estes dois sumptuosos mausoléos.

Esperava com anciedade el-rei D. Manuel a sua conclusão, porque tinha muito a peito assistir á trasladação dos reaes cadaveres, dos antigos e humildes tumulos para os novos que lhes mandára fazer [1]. E tão justificada era a sua pressa, que por pouco o não colheu a morte antes de ver realisado esse seu desejo.

Não consentiram os tão custosos trabalhos da reedificação da egreja que se podesse effeituar aquella mudança antes do anno de 1520, que foi o anterior ao fallecimento del-rei D. Manuel.

D. Nicolau de Santa Maria, na *Chronica dos conegos regrantes*, põe aquelle successo no anno de 1515. Mal se poderia crer que, tendo começado as obras da nova egreja bastante tempo depois da visita que el-rei D. Manuel fez á egreja velha no anno de 1502, que foi quando resolveu proceder á fundação de um novo templo e de novos tumulos reaes, por ver o estado de ruina do antigo edificio, e a mesquinhez dos sepulchros em que descançavam o fundador da monarchia e seu illustre filho; mal se poderia crer, repetimos, que em tão curto praso para tão grande obra estivessem a egreja e os mausoléos concluidos, como era indispensavel para levar a effeito aquella trasladação. Com o testimunho de pessoa que assistiu á ceremonia da dita trasladação, segundo refere o auctor das *Memorias de Santa Cruz*, se corrige o erro do chronista da ordem. O seguinte extracto d'aquellas memorias é copiado do livro acima citado do sr. Simões de Castro.

«No Anno seguinte desta elleição, 1520, em os 16 dias do mez de Julho, estando o Serenissimo Rey Dom Manoel nesta Cidade de Coimbra, veio a este seu real mosteiro á tarde e mandou abrir as sepulturas antigas dos dous Reys deste Reyno seus predecessores. Achou o corpo do devoto Rey Dom Affonso Henriques incorrupto, a carne seca, e a côr palida e macilenta, mas de aspecto severo que parecia estar vivo, do qual sahia cheiro suavissimo. Tinha vestido huma Garnacha comprida de pano de lam branca, e huma sobrepelis de pano de linho, isto tão inteiro, e são, como se naquella hora lhas vestissem. Era el-Rey de estatura de dez palmos em comprido, e de dois e meio de largo pelos peitos, e a perna que quebrou nas portas de Badajoz, era mais curta que a outra tres dedos. O Senhor Rey D. Manoel o fez mostrar á nobreza e povo d'esta cidade, estando junto delle em pee descarapussado com um cirio aceso na mão, assistindo com elle todos os senhores e fidalgos com tochas acesas nas mãos e com elles todos os religiosos conegos do convento; e assim como o achou, cantando-lhe primeiro um responso, o meteo e depositou no sepulchro novo que lhe tinha mandado fazer na capella mór á parte do evangelho; e no dia seguinte, 17 de Julho, pella menham lhe mandou cantar um officio de deffuntos de nove lições com sua Missa beneficiada com toda a solemnidade e apparato que a cousa em si pedia. Esta memoria deixou escripta João Homem, Cavalleiro fidalgo da Casa delRey Dom Manoel, que com elle se achou presente, e viu tudo com seus olhos.»

Em seguida assistiu D. Manuel á trasladação do corpo del-rei D. Sancho, e de outras pessoas reaes, que tambem foram encerradas n'estes dois tumulos, como ao diante diremos. Passados pouco mais de dois seculos foram abertos estes dois mausoléos para simples satisfação da curiosidade. Foi el-rei D. João V quem assim perturbou o repoiso dos mortos em setembro de 1735. Acharam-se então reduzidos a esqueletos os corpos dos dois soberanos que el-rei D. Manuel encontrára inteiros e incorruptos, não obstante terem corrido mais de trezentos annos depois da sua morte. El-rei D. João V mandou tirar os ossos para fóra dos caixões, e, depois de limpos, collocal-os em novos ataúdes, e celebradas com pompa as ceremonias da egreja, usadas em taes casos, foram fechados os mausoléos. Exactamente um seculo depois, em outubro de 1832, foram novamente abertos por ordem e na presença do sr. D. Miguel de Bragança.

Vamos dar conhecimento aos nossos leitores de uma noticia official da ultima abertura dos tumulos, e do que n'elles se encontrou, porque d'ahi resultam alguns esclarecimentos historicos.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Estes dois monarchas foram primeiramente enterrados no adro da egreja, junto da porta, em sepulturas rasas; e ahi se conservaram por muitos annos, pois que n'aquelle tempo eram prohibidos os enterramentos nas egrejas, e até no interior dos mosteiros, qualquer que fosse a cathegoria dos finados. Permittiam-se os enterramentos nos adros, e a collocação de tumulos embebidos nas paredes exteriores dos templos, ou mettidos em arcos abertos no grosso das ditas paredes, mas sem communicação com a egreja. D'este uso ainda existem muitos vestigios por todo o reino, e nomeadamente na sé velha de Coimbra, na egreja do mosteiro benedictino de Pombeiro, na velha egreja de S. Miguel de Guimarães, onde foi baptisado D. Affonso Henriques, que são as que nos occorrem agora á memoria. Com o correr do tempo, e revolução nos costumes, foi-se relaxando aquella pratica, e começaram os frades a consentir no enterramento dos seus bemfeitores e pessoas grandes em capellas separadas das egrejas, ou nos claustros, ou nas casas do capitulo. Foi então que os cadaveres dos nossos dois primeiros reis foram mudados do adro para uma capella do claustro, e ahi os collocaram em tumulos de madeira, onde estiveram até á sua trasladação para os mausoléos erigidos na capella-mór.